

# RESGATE NO MAR

A man with a grey beard and a plaid jacket is leaning on the blue railing of a boat's cabin. The background shows the white structure of the boat and a clear sky with a small bird in flight.

UM PESCADOR MUITO DOENTE,  
NO MEIO DO MAR, SE APROXIMA DA  
MORTE ENQUANTO, A CENTENAS  
DE QUILÔMETROS, A EQUIPE  
DE RESGATE SE MOBILIZA

**POR CHRIS DAVIS**



O pescador Gordon Farewell,  
de volta ao barco *Ocean  
Marauder*, depois de quase  
ter morrido no mar.



Quando o *Ocean Marauder*, barco de pesca comercial de 30 metros, estava a meio caminho entre Vancouver e o Havaí, o mar começou a encrespar. O marinheiro Gordon Farewell, na época com 53 anos, estava sob o convés, passando do congelador para o porão as albacoras pescadas na véspera. Havia uns 300 desses atuns de 4,5 kg, congelados a -43°C, com espinhos afiados nas barbatanas, e precisavam ser cuidadosamente empilhados.

Gordon deve ter escorregado com o solavanco de uma onda mais forte, mas, quando subiu de volta ao convés para se juntar ao restante da tripulação, viu que tinha um problema. Havia algo espetado na parte de trás da sua perna esquerda. Ele esfregou a mão, depois ergueu a calça para examinar.

O colega Harold Tretwold notou e foi ver o que era.

– O que aconteceu?

– Um espinho – disse Gordon. – Já retirei.

Ele passou uma pomada antibiótica e voltou a trabalhar. Em seus mais de 20 anos de pescador, de Manitoba a Nova Orleans, Gordon já se espetara com tudo, de anzóis a espinhos de garoupas e agulhas de tatuagem. Já caíra de barriga num lote de ouriços-do-mar e ficara parecendo uma almofada de alfinetes. Nunca teve nada mais grave; aquilo fazia parte do serviço.

Seis vezes parou de pescar, seis vezes voltou. Não suportava trabalhar em terra, não conseguia dormir nem comer normalmente em terra firme.

Aquela fora a oportunidade de trabalhar num barco maior, do tipo que podia perseguir cardumes. Gordon acabara de ligar para a mulher, Debra, em Victoria, no Canadá, e exclamara: “Estamos a meio caminho do Havaí!” Até ele se espantava de pescar tão longe. E quanto peixe havia! Praticamente pulavam a bordo. Em duas semanas, o porão estaria cheio. Gordon poderia embolsar 5 mil dólares ou mais.

Conforme os dias passavam, Gordon teve de interromper o trabalho com frequência cada vez maior para tratar da perna, que estava inchada e dolorida, com todos os tons de vermelho, roxo e laranja. Pensou na expressão favorita de Debra quando a situação se complicava: “Está na hora de vestir calças de gente grande e dar um jeito nisso.” Na verdade, Gordon nem precisaria ter se preocupado em passar a pomada antibiótica. Era muito pouco e tarde demais. Com o furo – e mais dois outros que ele não notara, no rosto e na axila direita –, seu corpo já fora invadido por *Staphylococcus aureus* resistentes à meticilina, que provocam uma infecção violenta que logo passa de pequenas feridas a abscessos profundos e dolorosos que exigem drenagem cirúrgica.

Se não for detida, a bactéria se alastra pelo corpo, ameaça válvulas cardíacas, ossos, pulmões e o sangue, e leva a uma morte terrível. Às vezes esse estafilococo, resistente a muitos anti-

bióticos, é encontrado em ambientes confinados, com higiene precária.

Seis dias depois de machucar a perna, ele não conseguiu sair do beliche. Sentiu-se enjoado e disse que não conseguiria trabalhar, coisa que nunca lhe acontecera. Tretwold notou que o olho direito de Gordon estava inchado a ponto de se fechar. Pegou uma lente e encontrou uma marquinha na bochecha de Gordon.

“Parece que você se espetou”, disse, raspando a marca com cuidado. O pus escorreu e surgiu um ponto preto, a extremidade de algo enfiado profun-

Gordon ergueu a camisa e mostrou uma terceira ferida debaixo do braço, a pior de todas.

– Pelo amor de Deus, Gordie! – exclamou Tretwold. – Por que não disse nada? Você precisa de antibióticos!

Sem antibióticos a bordo, Tretwold e o comandante Tomasi Vakadranu começaram a chamar os barcos que estavam mais próximos. Um deles tinha penicilina, mas Gordon disse que era alérgico. Tretwold ligou para sua mulher e lhe pediu que procurasse nos livros de medicina antibióticos que não fossem penicilina, ou algum remédio

**Depois de tentar os primeiros socorros e procurar remédios caseiros, a tripulação ligou para o dono do barco, que lhes disse que parassem de brincadeira e pedissem ajuda imediatamente.**

damente na pele. Tretwold passou água oxigenada e tentou retirar o espinho com uma pinça, mas não conseguiu.

Deu a má notícia ao colega:

– “Gordie”, vamos ter de cortar para tirar isso. Estamos a 1.200 quilômetros de terra firme. Não há como ir a um médico. Mas precisamos fazer algo.

– Eu sei – disse Gordon, meio tonto. – Mas olhe. – Ele arregaçou a perna esquerda da calça e Tretwold levou um susto. A perna de Gordon estava com o dobro da largura, e uma ferida pálida supurava como um vulcão em miniatura, com tentáculos vermelhos se irradiando pela pele. Mas não era tudo.

caseiro que pudessem usar. Depois os homens conversaram com o dono do barco, que estava de férias em Paris. Ele lhes disse que parassem de brincadeira e pedissem ajuda imediatamente.

**Momentos depois,** Tretwold estava ao telefone com um médico das Forças Armadas canadenses. Não havia dúvidas de que Gordon tinha um baita problema. Mas, como o *Ocean Marauder* estava fora da sua jurisdição, nada podiam fazer. O Centro de Coordenação de Resgates de Victoria informou a situação à Guarda Costeira americana em Alameda, na Califórnia. O médico



**Gordon Farewell (à esquerda) e Harold Tretwold, que foi mais do que um companheiro de equipe: fez tudo o que pôde para manter seu amigo vivo.**

da Guarda Costeira concordou que, para salvar a vida daquele homem, tinham de tirá-lo do barco. “Logo, logo, vocês terão um doente grave nas mãos”, disse. Mas não havia como a Guarda Costeira chegar lá a tempo; o seu alcance era de 360 quilômetros. A única esperança era a Força Aérea dos Estados Unidos.

Pelo rádio, o médico da Guarda Costeira americana disse a Tretwold que acordasse Gordon a cada meia hora e lhe perguntasse o nome, onde estava e quantos dedos lhe mostravam. Tretwold conseguiu sentir a urgência na

voz dele. Não fazia ideia de quanto tempo o amigo ainda tinha de vida, mas a intuição lhe dizia que não era muito. Faria o possível até que a ajuda chegasse, vinda de 1.200 quilômetros de distância. No entanto, as bactérias não esperariam. Espalhavam-se como fogo no mato pela corrente sanguínea de Gordon. Na verdade, ele estava a apenas horas, talvez minutos, de uma septicemia ou de um coma.

**Naquela manhã**, o primeiro-sargento Mike Malloy deixou o celular no vestiário durante a aula de jiu-jítsu. Para



ele, paraquedista de resgate da 129ª Ala de Resgate da Guarda Aérea Nacional, lotado na Base Aérea Federal de Moffett, no Vale do Silício, Califórnia, manter a forma era parte do serviço: pelo menos duas horas diárias de levantamento de peso, artes marciais, natação, corrida, escalada, mergulho – os paraquedistas escolhem a atividade. Gostam de brincar que são pagos para fazer o que os outros pagam para fazer. No entanto, mais do que aventureiros, os paraquedistas também são paramédicos que sabem pôr ossos no lugar, aplicar soro e até fazer traqueostomia.

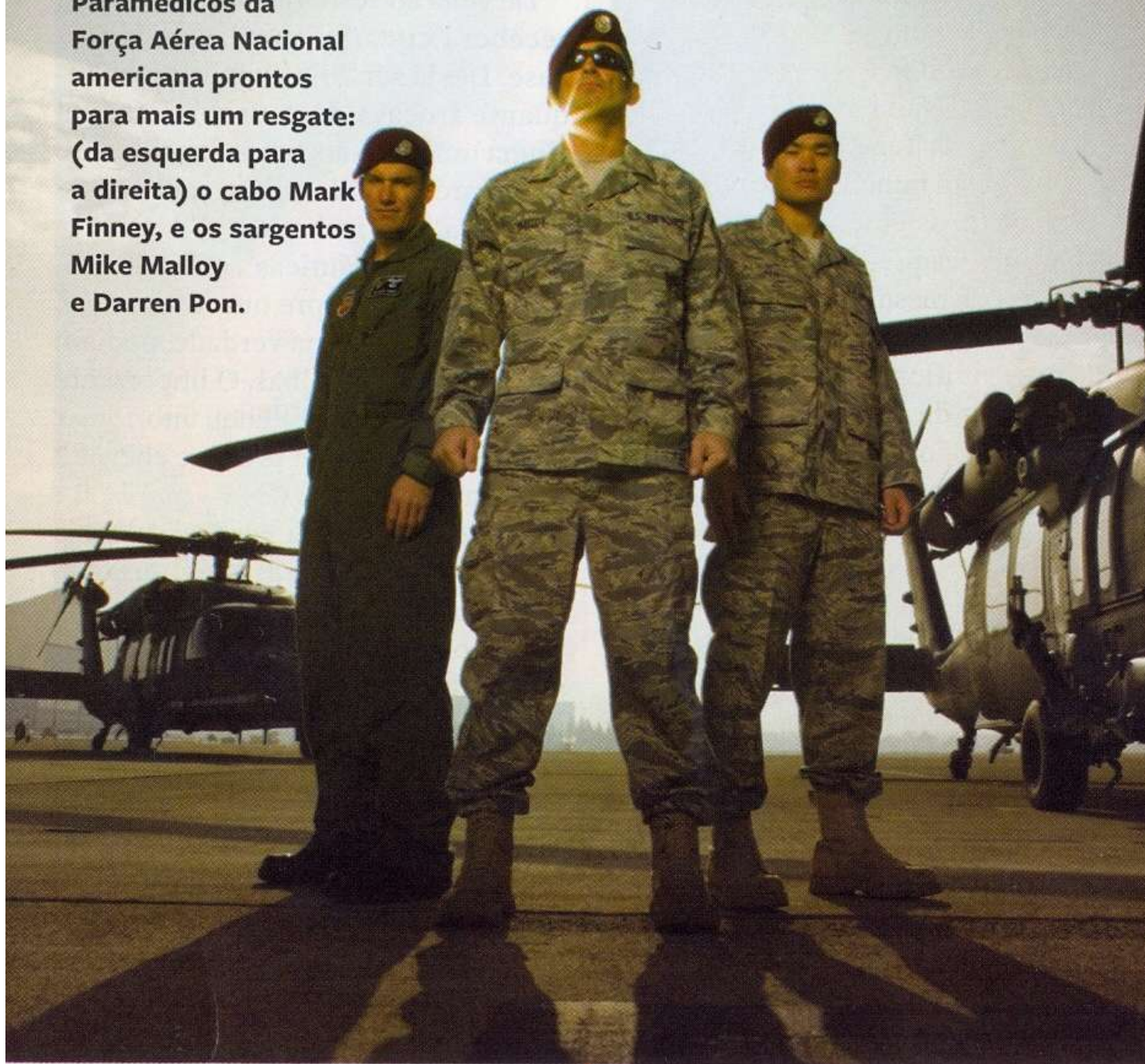
De volta ao vestiário, Malloy viu que recebera cinco chamadas, todas da base. Devia ser coisa importante. Enquanto trocava de roupa, telefonou. Tinha uma missão: um sujeito doente num barco, a mil milhas náuticas de distância, possível salto.

“Mil milhas náuticas”, ou 1.800 quilômetros, era sempre uma estimativa. Malloy sabia que, na verdade, podiam ser 3 mil ou 500 milhas. O importante era estar pronto e, por enquanto, tomar cuidado, dirigir sem pressa e chegar à base em segurança.

Em seguida, ligou para a mulher e avisou que ia partir em mais uma missão. Não sabia quando estaria de volta. “Tudo bem”, disse ela, como sempre, aceitando a notícia com calma. “Tome cuidado.” Para ele, que arriscava a vida regularmente, ela é que era a verdadeira heroína, suportando tudo.

Quando chegou à Base Aérea de Moffett, Malloy se inteirou dos detalhes. Um marinheiro estava à morte num barco de pesca a 1.200 km de distância e eles eram os únicos que poderiam salvá-lo. A situação passou pelo teste “VMO”: se vida, membros ou olhos estão em perigo, é uma “missão justa”. Podiam mandar helicópteros HH-60G decolarem imediatamente, mas isso significaria uma missão de 20 horas com vários reabastecimentos durante a noite, quando o fator de risco dobrava. As equipes vinham trabalhando demais, sem cumprir o descanso obrigatório. Havia semanas combatiam dia e noite o incêndio de uma floresta no norte da Califórnia.

**Paramédicos da Força Aérea Nacional americana prontos para mais um resgate: (da esquerda para a direita) o cabo Mark Finney, e os sargentos Mike Malloy e Darren Pon.**



Era melhor ganhar tempo, conseguir que o barco aproveitasse a noite para se aproximar, deixar a tripulação descansar, partir ao amanhecer e cumprir a operação durante o dia. O problema era que o paciente poderia morrer durante a noite. Malloy sabia o que isso significava: assim que se aprontassem, ele e sua equipe partiriam num dos aviões Combat Shadow MC-130P para sobrevoar o Pacífico, pular em alto-mar

da cauda do avião com uns 50 kg de equipamento cada um, nadar até o barco, embarcar, estabilizar o paciente e cuidar dele durante a noite até que os helicópteros chegassem.

Malloy não gostava de água. Os paraquedistas da base tinham apelidado o Pacífico de “Cozinha de Tubarão”, por causa dos tubarões-brancos. Malloy detestava tubarões. Também jamais gostara muito de altura. Mas os para-

quedistas eram treinados para enfrentar o medo e ir em frente. Por que Malloy fazia aquilo? Porque gostava de salvar vidas. Não havia sensação melhor na face da Terra, e ele quase tinha pena de quem nunca a experimentara.

Sabia que os colegas – na verdade todos os paraquedistas de resgate – pensavam do mesmo jeito. Ainda assim, antes de cada decolagem, ele fazia sempre uma “verificação de sanidade” para se assegurar de que não havia dúvidas sobre a missão. Qualquer que fosse a sua decisão, alguém poderia morrer. Apesar de toda a preparação e todo o treinamento dos paraquedistas, não havia rotina nas missões de verdade. Lançar quatro camaradas no meio do oceano não era algo simples; de repente, tudo podia dar errado.

Malloy sabia qual seria a reação dos homens. O cabo Mark Finney, o mais novo e com menos experiência de salto, recém-saído da escola, estava nervoso, mas empolgado. O sargento especialista Darren Pon, excelente paramédico com um filho recém-nascido, participava de muitas missões e era um agente muito apto. Para completar o grupo de quatro, havia o primeiro-sargento Eric Burke, líder experiente como Malloy.

Nos seus 18 anos de paraquedista, Malloy perdera 16 amigos íntimos no treinamento, em resgates ou em combate. Amigos seus haviam sido arrastados pelo paraquedas e se afogado. Outro fora arrastado para debaixo de um navio-tanque. Mott, bom amigo com uma filha de 9 meses, morreria num treino de salto porque o paraque-

das não abrira. Isso acontecera dez anos antes. Agora, Malloy tinha uma filha de 2 anos. Sempre que saltava no mar, pensava: *Este é seu, Mott*, dedicando o salto ao amigo.

– **Tudo bem, Gordie**, como está se sentindo? – disse Tretwold, acordando o colega adormecido. – Qual é o seu nome? Sabe onde está?

Gordon parara de comer e beber. Estava todo inchado, ardendo em febre e com muitas dores. Sentindo-se mal na cabine abafada, tentava se manter alegre e fazia piada por responder várias vezes às mesmas perguntas.

– Quantos dedos tem aqui?

– Hã... Três? – disse Gordon, com uma pitada de sarcasmo. Sabia que estava doente, mas só percebeu como o caso era grave quando lhe disseram que viriam paramédicos de avião para cuidar dele. Sentia-se muito irritado consigo mesmo por decepcionar os colegas, por terem recolhido os anzóis e deixado para trás aquele enorme cardume de atum que nem tinham começado a capturar, tudo por causa dele.

– Sinto muito, amigo, mas me mandaram fazer isso – disse Tretwold. De meia em meia hora, ele verificava os sinais vitais de Gordon e mandava notícias do avanço lentíssimo do barco.

Gordon não conseguia se sentir bem no beliche. Não estava acostumado a ficar deitado. Mas se achava mal demais para se levantar e até para assistir a um DVD. Não conseguia engolir comida nem água. Sentia falta do café, que adorava. E não queria sair do barco.



Não poderiam trazer de outra embarcação algo que desse um jeito naquilo para que continuasse pescando?

Tretwold adoraria que sim. Sabia que soluções tão simples não poderiam ajudar o colega, mas não comentou nada. “Tente relaxar”, disse a Gordon. “Não vai demorar muito.”

**Viajar num avião militar** não é como no cinema, em que os soldados contam piadas e trocam farpas enquanto esperam o momento do salto. O rugido é tão ensurdecador que só conversam sem gritar os poucos que estiverem com fones de comunicação, como os pilotos, o mestre de salto e Malloy. O restante da equipe permaneceu sentada nos desconfortáveis bancos de lona, tentando cochilar ou se concentrar na tarefa que os aguardava.

Depois de decolar de Moffett às 16h4, o grupo de paraquedistas verificou várias vezes o equipamento: cilindros de oxigênio, medidores de pressão, monitores cardíacos, narcóticos, antibióticos, soro e seringas, torniquetes, talas, água potável, comida e roupas para uma estada de cinco dias, se necessário. A lista de cada um continha material em excesso para cobrir a dos outros, caso algum deles não sobrevivesse ao salto. Todos os itens tinham embalagens duplas, impermeáveis e levemente infladas para flutuar.

Malloy cuidava do “fogo no capacete”, isto é, todos os itens que tinha de conferir e que ricocheteavam dentro da sua cabeça. Queria ter certeza de que os homens estariam sãos e salvos.

Para ele, 90% do risco de cada missão tinha de ser avaliado e resolvido antes da decolagem. Os outros 10% – o mar estava revoltado? haveria vento? – só podiam ser abordados com os olhos no alvo. Por mais difícil que seja dizer que um barco de pesca comercial de 30 metros é pequeno, depois de pouco mais de duas horas de voo, quando avistaram o *Ocean Marauder*, com todas as luzes acesas, ele parecia um brinquedinho de criança faiscante abandonado num deserto azul sem fim. Malloy nunca pulara num barco tão pequeno. Disse ao piloto que fizesse círculos 150 metros a leste da embarcação e descesse a uma altitude de uns 450 metros.

Os paraquedistas aguardaram a ordem de Malloy e, então, engancharam o acionador dos paraquedas ao tirante – os paraquedas se abririam automaticamente com o salto. A rampa traseira do avião se abriu e o céu e o oceano ofuscante surgiram. Essa era a parte predileta de Malloy. Sentiu o coração bater. *Este é seu, Mott.*

**Seguindo as instruções**, o *Ocean Marauder* se preparou para ser o melhor alvo possível: parado na água, com todas as luzes acesas. Tretwold foi ao convés e examinou o horizonte. O barco subia e descia, oscilando entre as ondas de três metros. Era uma linda noite dourada num mar de safira. O que viu a seguir foi fantástico e irreal.

Um ponto apareceu no céu e se aproximou, fazendo círculos. Um ponto menor surgiu atrás e um paraquedas quadrado se abriu, depois outro, depois



Em casa,  
são e salvo:  
Farewell  
com a  
mulher,  
Debra.

mais dois. Cada vez maiores, os paraquedas fizeram um S gracioso, serpenteando no céu em formação perfeita, e caíram de leve na água, a menos de dez metros. Tretwold jogou a escada pela amurada e pegou o gancho de abordagem. “Um salto perfeito!”, disseram os homens na água. Eles soltaram os paraquedas e nadaram com dificuldade até o barco. Tretwold estendeu a mão para ajudar a içar para bordo uma das mochilas e, surpreso com o peso, quase foi lançado na água pelo tombo do barco. A bordo, os paraquedistas despiram os pesados macacões e se puseram a trabalhar com o equipamento.

– E isso? – perguntou Tretwold, apontando para os paraquedas.

– Pode deixar. Agora estão cheios de água salgada. Não servem mais –

disse um dos paraquedistas. E o mar levou os quatro paraquedas, de 5 mil dólares cada.

O comandante Tomasi Vakadrano voltou ao timão e religou o motor, para que pudessem recolher os dois outros pacotes de equipamento lançados do MC-130P. O cabo Mark Finney e o sargento Darren Pon foram os primeiros a descer até as cabines.

– De onde vocês são? – perguntou Gordon quando apareceram à porta.

– Somos paramédicos e viemos ajudá-lo – disse Finney.

Gordon estava vermelho, suando e obviamente sentindo dor. A pele se achava quente ao toque, e o ferimento sob o olho direito supurava. “Dói aqui? E aqui?”, perguntavam os paraquedistas, tocando-o de leve.

A cabine estava malcheirosa, quente e úmida. Um lugar horrível para um doente. Tinham de levá-lo para o hospital. *Pelo menos, estava consciente*, pensou Finney. Mediram a temperatura (38,9°C), verificaram os sinais vitais e aplicaram soro, para administrar fluidos, antibióticos e Valium, porque o marinheiro estava tendo tremores.

Vakadranu e Tretwold ajustaram o curso para São Francisco e discutiram com que velocidade fazer o *Ocean Marauder* avançar para reduzir a distância e aguardar os helicópteros. Ainda estavam a 1.100 quilômetros, e a Força

A tripulação ofereceu os seus beliches aos paraquedistas e serviu-lhes espaguete e o *sashimi* mais fresco que já tinham comido. Trocaram histórias durante a noite toda, os pescadores querendo saber dos resgates e os paraquedistas aprendendo a pescar atum.

Por volta das três da madrugada, a febre de Gordon começou a baixar. Mas ele ainda não estava fora de perigo. Ainda precisava de médicos, de exames de sangue, de avaliação cardíaca. Para os paraquedistas, nada seria pior do que dizer “Pronto, ele está bem” e, dali a dois dias, acabar morrendo.

**A ajuda de verdade chegou na forma de quatro paramédicos, que caíram do céu para salvar um homem.**

**“De onde vocês vieram?”, perguntou Gordon, assim que os viu.**

Aérea estimara que o ideal seriam 900. Se o barco de pesca fosse à velocidade máxima, para a qual não fora projetado, gastaria todo o combustível sem avançar muito a mais. E poderia superaquecer. Decidiram por uma velocidade entre oito e nove nós, ou seja, 15 e 17 km/h, para chegar ao destino na hora do café da manhã.

Finney e Pon se revezaram em turnos para cuidar de Gordon. Lutando para se sentir confortável, Gordon não parava de puxar o soro. Toda hora era preciso aplicar outro. Finalmente, Finney colocou uma tala no braço de Gordon para manter o soro no lugar.

**Na Base Aérea de Moffett**, a segunda fase da Operação *Ocean Marauder* já estava em andamento. Os dois helicópteros, que havia dois meses combatiam incêndios, tiveram de ser reconfigurados do transporte de água para uma viagem de longo curso. A tripulação trabalhou o dia e a noite inteiros para que estivessem prontos para decolar pela manhã.

O major Matt Thomas fizera algumas contas para calcular o consumo de combustível: duas milhas náuticas por minuto; 500 milhas de distância; oito a 12 horas de viagem; pelo menos três reabastecimentos para ir, três para vol-

tar. Cada helicóptero precisaria de combustível suficiente para chegar a terra em qualquer momento durante a viagem. Mesmo com dois aviões-tanque na escolta, ainda haveria trechos em que estariam sem essa segurança.

Ao amanhecer, o tempo era típico da região: nuvens se amontoavam em cascata. O “pacote de resgate”, com dois helicópteros – um dos quais pilotado por Thomas – e dois aviões-tanque MC-130P, decolou. Quando chegassem ao ponto sem retorno, fariam o reabastecimento em voo de cada helicóptero, ajustando com cuidado uma sonda com cesta na extremidade da mangueira arrastada pelos MC-130P. Ambos os pilotos manteriam as aeronaves niveladas em meio ao barulho dos motores, e, quando o reabastecimento se completasse, os aparelhos se desacoplariam. Eles haviam treinado essa manobra várias vezes, mas agora seria de verdade.

Depois de conferir que o combustível havia sido transferido sem problemas, o processo foi rápido e todos se concentraram na longa travessia. Passariam dez horas, no mínimo, sobrevoando o Pacífico e fariam pelo menos mais seis reabastecimentos sem lugar para pousar. Os helicópteros não têm boa reputação nos pousos de emergência na água. Viram e afundam depressa demais. E, depois de decolar num deles, não dá para voltar para casa a nado.

Thomas ficou surpreso ao ver que a cobertura de nuvens, que normalmente só vai até uns 30 quilômetros além da costa, era mais extensa naquele dia. Por

ele, tudo bem. Quem não consegue ver a água não sente medo dela. Voar a 600 metros de altitude, uns 150 metros acima das nuvens, também exigia alguns ajustes para compensar os ventos fortes na hora de prever o ponto de encontro com o alvo em movimento.

A 50 quilômetros do alvo, um dos MC-130P encontrou uma abertura nas nuvens. O mar estava bastante revolto, com ondas de três a quatro metros, mas não havia muito vento. Thomas avistou o *Ocean Marauder*. Parecia ter muito menos de 30 metros.

Fazendo círculos e conversando com os paraquedistas no barco, Thomas lhes disse que recolheriam Gordon num ponto vazio na proa. Tentaram deixar o barco de frente para o vento, mas assim ficava perpendicular às ondas e jogava muito. Resolveram então deixá-lo paralelo às ondas, e Thomas manteve o helicóptero o mais nivelado possível, num ângulo de 45° em relação ao vento.

No convés, os paraquedistas correram para preparar tudo. Gordon se sentia suficientemente bem para tomar café e Valium. Deitaram-no na gaiola de içamento e o prenderam bem com correias, de modo que não conseguisse mexer os braços. Tretwold viu os olhos de Gordon se arregalarem como pires.

Num dos helicópteros, o principal mecânico de voo pôs o cabo de içamento para funcionar, enquanto o sargento Sean Pellaton observava se havia obstáculos no ar e no mar. Pellaton ajudou o piloto e o mecânico de voo, dizendo-lhes o que fazer para realizar a

missão e manter distância do barco, que oscilava lá embaixo: “Cinco para a direita, três para cima, dois para baixo...” Essa manobra era como um malabarista num monociclo que tentasse pescar um copinho plástico de café.

Gordon só conseguia ver a barriga do helicóptero, pintada com faixas rosa-choque, e o soldado que operava o cabo a olhá-lo, agindo com habilidade para não perder a pescaria. Afinal, ele ia pescar o pescador mais sortudo do mundo.

Finney e Malloy subiram na gaiola com Gordon. O segundo helicóptero se posicionou e içou o restante do equipamento, inclusive as postas de atum congelado pelas quais os paraquedistas tinham trocado parte das rações.

Finalmente, os dois últimos paraquedistas se instalaram frente a frente no cabo de içamento, olharam para cima e deram o sinal. Malloy virou-se para a tripulação do *Ocean Marauder* e acenou para se despedir ao serem levados, já seguindo para casa. O barco ligou os motores e voltou a navegar.

**Gordon passou uma semana** internado no hospital de San José antes de voltar para casa. Tomou mais comprimidos do que nunca e começou a se acostumar a andar mesmo com a perna dolorida e rígida, avançando um pouco mais a cada dia. Sabia que estava chegando

a uma idade na qual a cura é mais demorada. Ainda suave com facilidade e tinha dificuldade de respirar.

Ainda assim, não via a hora de voltar ao trabalho no mar, onde é possível ter uma boa noite de sono. Debra sabia que não conseguiria impedi-lo de pescar, mas achou que talvez fosse melhor voltar aos barcos menores, que trabalhavam mais perto do litoral.

Um mês depois da provação em alto-mar, Gordon mancava pelas docas de Victoria, guiando um visitante em meio às operações finais da pesca: atum congelado sendo içado, amostras do núcleo tiradas para inspeção, o produto da pesca jogado em enormes caixas de papelão e levado em caminhões. O chão estava cheio de espinhos e cacos de nadadeiras congeladas.

Um velho pescador avistou Gordon e gritou, animado: “Achei que você tivesse perdido a perna!” Outro se intrometeu: “Disseram que havia morrido!”

Gordon riu, mas ciente da sorte que teve. Ele ainda não acredita que tanta gente extraordinária se esforçou tanto só para salvar um velho marinheiro como ele. Um terceiro pescador saudou Gordon, a celebridade do momento ali no cais: “Vi a sua foto no jornal, sendo içado naquela cesta até o helicóptero. Você parecia uma isca gigante para pegar um peixão!”

## TRABALHAR? NEM MORTO!

**Um dos rapazes** do depósito no qual meu marido é gerente ligou para dizer que teria de faltar naquele dia:

“Minha autópsia é hoje. Mas amanhã eu poderei ir.” *Terri Ritter, EUA*